



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA AULA DE LÍNGUA INGLESA

LINGUISTIC VARIATION IN ENGLISH LANGUAGE CLASSROOM

Eliane Nowinski da Rosa¹

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Resumo:

Uma vez que seus falantes a moldam segundo suas necessidades comunicativas (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2007, 2008), sabe-se que a língua acaba ficando mais suscetível a sofrer influências que podem desencadear processos de variação e mudança linguísticas. Levando em conta que a variação é uma característica inerente de qualquer língua (LABOV, 1972), é comum defrontar-se com usuários do inglês empregando formas em variação ao longo da interação comunicativa. Por esse motivo, acredita-se que, se os aprendizes de inglês forem preparados para conhecer e compreender a variação na língua alvo, este conhecimento lhes permitirá não apenas transitar nos diferentes contextos de seu uso eficazmente, assim como lhes estimulará a adoção de atitudes positivas e respeitadas para com outros povos e suas culturas. Isso posto, o objetivo do presente artigo é oferecer subsídios linguísticos e didáticos para os docentes lidarem com a variação de forma pedagógica em suas salas de aula. Haja vista que a língua inglesa se trata de um conjunto de dialetos e sotaques nativos e não nativos (CRYSTAL, 2009), espera-se estimular uma discussão sobre a necessidade e a relevância de se incluir a variação no conteúdo programático das aulas desse idioma. Ademais, cabe lembrar que, graças ao inglês ser uma língua que pertence a todos os seus usuários, os quais têm os mesmos direitos sobre ela (CRYSTAL, 2001; JENKINS, 2001, 2015; RAJAGOPALAN, 2009, 2019), faz mais sentido capacitar o aprendiz para interagir com a comunidade internacional do que apenas com a nativa.

Palavras-chave: Variação Linguística. Ensino. Língua Inglesa.

Abstract:

Since speakers shape it according to their communicative needs (LARSEN-FREEMAN; CAMERON, 2007, 2008), it is well known that language is more likely to suffer influences which may cause the development of processes of linguistic variation and change. Taking into consideration that variation is an inherent characteristic of any language (LABOV, 1972), it is common to come across English users employing forms in variation throughout the communicative interaction. Due to this fact, we believe that if English learners are prepared to know and understand linguistic variation in the target language, this knowledge will not only allow them to move efficiently in the different contexts of its use, but also will stimulate them to adopt positive and respectful attitudes towards other peoples and their cultures. In that case, the aim of this article is to offer linguistic and didactic guidance for teachers to deal with variation pedagogically in their classroom. As English resides in a set of native and non-native accents

¹ Doutoranda em Linguística Aplicada (UNISINOS), mestra em Fonologia e Morfologia (UFRGS), especialista em Ensino-aprendizagem de Língua Inglesa (UNIRITTER) e graduada em Letras – Licenciatura Plena em Língua Inglesa (ULBRA). E-mail: elianedr19@gmail.com.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

and dialects (CRYSTAL, 2009), we expect that it may motivate a discussion about the necessity and the relevance of including linguistic variation in English language curriculum. In addition, it is worth remembering that owing to English is a language that belongs to all its users, who have the same rights with respect to it (CRYSTAL, 2001; JENKINS, 2001, 2015; RAJAGOPALAN, 2009, 2019), it makes more sense to qualify learners to interact with the international community than with the native one.

Key words: Language Variation. Teaching. English.

Introdução

De acordo com Langacker (2013, 2017b), a língua costuma ser aprendida e utilizada dentro de um contexto social e discursivo, o que outorga depreender que a língua é tanto uma atividade cognitiva, quanto uma atividade sociocultural. Achard (2018) acrescenta dizendo que o conjunto de unidades convencionalizadas, que forma o sistema linguístico de um falante, é aprendido gradativamente a partir do contexto social e linguístico de eventos de uso específicos, no qual esse indivíduo está inserido. Tendo em conta que a fala de um indivíduo, grupo ou comunidade de fala estão propensas a exibir padrões com *status* intermediário, presume-se que

[a]s adaptações induzidas pelo uso resultam em variação. Até mesmo para um simples falante, os elementos linguísticos tendem a ter múltiplas variantes: é usual que um item lexical possua sentidos alternados (*polissemia*), que um fonema exiba realizações fonéticas alternadas, e que uma construção varie em forma ou significado conceptual (LANGACKER, 2015, p. 105-106).²

Com relação à aprendizagem de formas linguísticas e suas variantes, pode-se assegurar que, em termos langackerianos, é somente por intermédio da exposição contínua ao seu uso, dentro de um contexto social e discursivo, que o usuário da língua consegue dominar ativamente tais elementos. Portanto, as unidades convencionais, que compõem o “conhecimento” da língua por parte de seus falantes, apenas podem ser mantidas mediante seu uso constante. Em consequência disso, Langacker (1987) postula que a interação dinâmica entre o sistema da língua e o uso dessa língua é que favorece a formação de estruturas linguísticas e a manifestação

2 Tradução da autora para: “[t]he adaptations induced by usage result in variation. Even for a single speaker, linguistic elements tend to have multiple variants: it is usual for a lexical item to have alternate senses (*polysemy*), for a phoneme to have alternate phonetic realizations, and for a construction to vary in form or conceptual import.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

de processos de variação e mudança linguísticas. Nessa direção, Larsen-Freeman e Cameron (2007, 2008) defendem que as línguas são “construídas” por suas falantes, por meio de seu uso, permitindo inferir que a língua, o uso da língua e o desenvolvimento linguístico estão continuamente em ação graças à língua estar aberta a todos os tipos de influências, independentemente de estas serem linguísticas³ e/ou extralinguísticas⁴. Diante dessa realidade, torna-se razoável asseverar que os falantes moldam a língua em consonância com o contexto sociocultural em que se encontram inseridos a fim de suprir suas necessidades comunicativas. Isto é, são as escolhas dos falantes por determinadas estruturas linguísticas que favorecem o aparecimento de processos de variação e mudança no sistema de qualquer língua. Como bem observam Larsen-Freeman e Cameron (2008, p. 80), “[...] uma língua está, em qualquer ponto no tempo, da forma que está por causa do modo como tem sido utilizada”⁵.

A despeito dessas questões, é lícito frisar que as línguas permanecem organizadas e oferecendo aos seus falantes os recursos necessários à circulação dos significados (FARACO, 2005). Segundo Faraco (2005), tais modificações ocorrem de forma lenta e não acarretam nenhum tipo de prejuízo à estrutura da língua. Já que os falantes “constroem” sua língua segundo suas necessidades linguísticas e sócio-político-culturais, julga-se imprescindível preparar o aprendiz de língua, seja esta nativa ou não, para interagir eficazmente com qualquer usuário. A esse respeito, Crystal (1999, p. 99) comenta que

[u]m currículo de língua consciente, centrado em uma perspectiva variacionista dinâmica, é o único modo que conheço para enfrentar os elementos linguisticamente intransigentes no mundo com maior confiança. O currículo não faz os problemas irem embora, mas oferece, aos alunos, um meio para chegar a um acordo com ele.⁶

3 Influências exercidas por fatores internos à estrutura da língua.

4 Influências exercidas por fatores externos à estrutura da língua, tais como: faixa etária, nível de escolaridade, classe social, região a que pertence o falante, entre outros.

5 Tradução da autora para: “[...] a language at any point in time is the way it is because of the way it has been used”.

6 Tradução da autora para: “[a] language-aware curriculum, centered on a dynamic, variationist perspective, is the only way I know to enable to face up to the linguistically intransigent elements in the world with greater confidence. The curriculum doesn’t make the problems go away, but it does give students a means of coming to terms with them”.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Em vista disso, pressupõe-se que conhecer e compreender ambas as gramáticas de rua e de sala de aula podem contribuir positivamente para o aprendiz a transitar de forma inteligente por todos os contextos de uso do idioma alvo (CRYSTAL, 2010). Apesar dos esforços do meio acadêmico brasileiro em fomentar discussões e estudos acerca da importância de se capacitar o futuro docente para lidar não apenas com a variação na aula de língua, mas também com questões relacionadas ao preconceito linguístico, ainda é bastante comum observar professores de língua inglesa e instituições de ensino privilegiando somente o ensino da variedade padrão (americana e/ou britânica) e incentivando a imitação exata da fala anglo-americana como se o sotaque materno do aprendiz fosse um empecilho para ele se tornar um falante fluente e proficiente do inglês. Por ser um elemento significativo da identidade linguística de um falante, o sotaque materno de um aprendiz de língua não pode ser reduzido, nem apagado.

Diante dessas considerações, o presente artigo se justifica por instigar a discussão de um assunto pertinente à formação docente e por se dispor a oferecer subsídios linguísticos e didáticos para o professor de inglês se sentir mais empoderado para tratar a variação de forma pedagógica em seu contexto educacional.

Por que ensinar a variação na aula de Língua Inglesa

Antes de entrar no mérito do ensino da variação na aula de língua inglesa propriamente dito, é interessante sublinhar que o termo “variação” significa duas ou mais formas de se referir a uma mesma coisa (LABOV, 1972). Quanto a essas diferentes formas, dá-se o nome de variantes. No entendimento de Labov (1972), a variação possibilita diferenciar indivíduos, grupos, comunidades, estados e nações em decorrência de ser uma característica inerente de toda e qualquer língua. Beckner *et al.* (2009) prossegue dizendo que a variação pode ocorrer em qualquer língua, em todos os níveis da gramática (fonologia, morfologia, semântica, pragmática, sintaxe, léxico), em todas as variedades de uma língua, em todos os estilos, dialetos, registros escritos, em cada indivíduo e, também, na mesma sentença dentro do mesmo discurso. Por conseguinte, a variação linguística está presente no sistema de todas as línguas, evidenciando que nenhum indivíduo consegue se furtar de ter que se deparar com ela durante a



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

situações de seu uso, independentemente de a língua ser nativa ou não. A fim de exemplificar alguns fenômenos de variação recorrentes na gramática do inglês, citam-se os seguintes exemplos (THOMAS, 2007; YULE, 2020; ALAMEEN; LEVIS, 2019; LOW, 2015):

► nível fonético-fonológico:

bottom: bo[t]om ~ bo[r]om ~ bo[?]om

winter: win[t]er ~ win[Ø]er

new: n[ju:] ~ n[u:]

glass: gl[a:]ss ~ gl[æ]ss

that: [ð]at ~ [d]at

► nível morfossintático:

you **are** happy ~ you **be** happy ~ you [Ø] happy

you **don't** have **no** money ~ you **don't** have **any** money

I caught **a fish** ~ I caught **me a fish**

She **swam** yesterday ~ She **swim** yesterday

► nível lexical:

French fries ~ chips

aubergine ~ eggplant

uniform ~ kit

holiday ~ vacation

taxi ~ cab

► nível semântico:



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

season: one of the four period of the year ~ a set of radio or TV programmes

chair: seat ~ a leader of a group or meeting

candy: sweet ~ an attractive but superficial person ~ drug

bread: food ~ money

► nível pragmático:

Politeness: Could you give me that book, please? ~ Give me that book.

Formality: thanks ~ thanks a lot ~ many thanks ~ thank you very much ~
that's very kind of you ~ I'm so thankful for (something) ...

Em razão de ser um fenômeno inerente à gramática, a qual é adquirida pelo falante no decurso de toda a sua vida (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968), a variação é vista como parte integrante do processo de aquisição e aprendizagem de uma língua. Para Crystal (2009), o aprendiz necessita saber o que está havendo com o inglês no mundo em função deste idioma se referir a um conjunto de variedades, as quais apresentam diferenças em termos de vocabulário, gramática, pronúncia e estratégias discursivas. Atentando para o fato de que o inglês já não pertence mais a uma nação específica em consequência de estar sendo mais utilizado em contextos multilíngues, nos quais a interação ocorre, primordialmente, entre não nativos em sua terra natal (CANAGARAJAH, 2005; RAGOPALAN, 2019), defende-se que o ensino do inglês leve em consideração os diferentes sotaques e dialetos que o compõe, expondo, portanto, os aprendizes à fala tanto de nativos, quanto de não nativos desse idioma para que ele possa se familiarizar com a variação linguística. Rajagopalan (2014, p. 76) lembra que o inglês

[...] se tornou uma espécie de *'língua mundi'* ou [...] *'World English'* (RAJAGOPALAN, 2004, 2005, 2006) é uma *'novi-língua'* em plena acepção desse termo popularizado por George Orwell. Ela já escapou das mãos dos ingleses, dos norte-americanos, dos australianos, dos novo-zelandeses, enfim de todos aqueles que até bem pouco tempo atrás eram tidos como proprietários do idioma [...] o *World English* (diferentemente, da língua inglesa no sentido restrito) pertence a todos aqueles que dela fazem uso por mais rudimentar ou precário que seja.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Ante a essa realidade, torna-se ponderável afirmar que insistir na adoção de práticas pedagógicas que propagam e promovem a ideologia de um único modo “certo” de falar em inglês apenas servem para incentivar o preconceito linguístico e a discriminação de raça, etnia e/ou gênero. Diante disso, a recomendação é fomentar discussões a respeito dessas questões e oferecer informações e atividades didáticas que possibilitem ao aprendiz tomar conhecimento do inglês sendo utilizado na interação cotidiana. Visto que o inglês empregado na vida real não é igual àquele usado em contexto escolar e acadêmico, estipula-se que essa conscientização poderá auxiliar o aprendiz a evitar problemas referentes à compreensão da mensagem transmitida na interação social e municiá-lo de ferramentas linguísticas e socioculturais para saber de que maneira transitar nas diversas situações de uso da língua alvo com sucesso.

Isso posto, passa-se à descrição de algumas sugestões de atividades didáticas para trabalhar a variação linguística na aula de língua inglesa.

Algumas sugestões de atividades didáticas

Com o intuito de cooperar com os professores de língua inglesa, este trabalho se propõe a apresentar algumas propostas de atividades didáticas para lidar com a variação linguística em suas aulas. Nesse ínterim, convém esclarecer tais sugestões podem sofrer alterações ou suscitar a criação de outras atividades em conformidade com a criatividade do professor e os recursos didáticos e tecnológicos que estão a sua disposição.

Na primeira sugestão, recomenda-se a convidar os aprendizes apenas para assistir ao vídeo da canção “*Sugar Sugar*”, da banda *The Archies*, a fim de familiarizá-los com a língua (pronúncia e gramática) que está sendo utilizada.

Figura 1. Vídeo da canção “*Sugar Sugar*”.

ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Campus
Coradônia

Universidade
Estadual de Goiás

08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021



Fonte: YouTube⁷.

Em seguida, solicita-se que aprendizes ouçam a canção novamente com o intuito de anotar as possíveis formas que o compositor adotou para se referir a sua amada. Após checar as respostas dos aprendizes, aconselha-se pedir aos aprendizes que sentem em duplas ou trios com a finalidade de pesquisar e elaborar uma apresentação trazendo outros exemplos de variação no nível lexical junto com curiosidades acerca da cultura e dos costumes dos falantes (nativos ou não) da língua inglesa. Nessa atividade, os aprendizes podem preparar cartazes, vídeos, entrevistas, canções, entre outros.

Na segunda sugestão, o professor deve, primeiramente, apresentar o título da canção *“Let’s call the whole thing off”* (de Ella Fitzgerald e Louis Armstrong), e perguntar aos aprendizes o que vem a sua mente quando leem esse título. Em seguida, pede-se que eles sentem em duplas e assistam ao vídeo dessa canção com o objetivo de descobrir o que está acontecendo com o casal ouvindo a letra, a qual conta a história de um casal que pode vir a terminar ou não a sua relação por causa da influência da variação linguística (nesse caso, no nível da pronúncia) em sua vida amorosa.

7 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=h9nE2spOw_o>.

ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Campina
Cura Corária

Universidade
Estadual de Goiás

08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Figura 2. Vídeo da canção “Let’s call the whole thing off”.



Fonte: YouTube⁸.

Após essa etapa, propõe-se que os aprendizes formem pequenos grupos e pesquisem outras canções que apresentem formas em variação linguística em sua letra. Os objetivos dessa atividade são fomentar discussões sobre o impacto da variação em nossas vidas cotidianas e promover trocas de conhecimento a respeito de fenômenos linguísticos atuando na língua inglesa, inclusive é possível valer-se disso para abordar e discutir o impacto da variação no uso da língua materna dos aprendizes, o que poderia render trabalhos conectando o ensino desta com o da língua estrangeira.

Na terceira sugestão, aconselha-se a elaboração de um jogo da memória voltado à variação lexical, semântica, sintática, morfológica, reduções fonológicas (going to X gonna; want to X wanna; let me X lemme, entre outras formas), etc. Na Figura 3, tem-se a ilustração de um modelo de *card*.

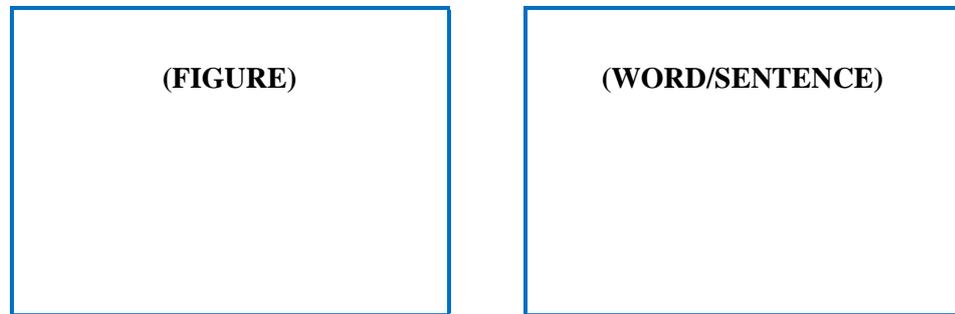
Figura 3. Modelo de *card*.



⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Dg2HKMFsers>.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021



Fonte: A autora.

A ideia, nessa atividade, é engajar os aprendizes tanto na pesquisa das formas em variação que farão parte do jogo, quanto na confecção dos *cards*.

Na quarta sugestão, o propósito é promover o desafio dos sotaques (ou da variação em termos de léxico, morfossintaxe, entre outros). Primeiramente, convidam-se os aprendizes para assistir ao vídeo “*British vs. American accent challenge*”, produzido pelo *British Council*. Nesse vídeo, uma americana e uma britânica interrogam uma a outra como determinadas palavras seriam pronunciadas em sua região, ilustrando possibilidades alternadas de se produzir uma mesma palavra dependendo da variedade do inglês.

Figura 4. Vídeo “*British vs. American accent challenge*”.

ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Unidade
Campus
Cuiabá
Universidade
Estadual de Goiás

08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021



Fonte: YouTube⁹.

Após essa exibição, solicita-se que os aprendizes formem duplas, trios ou grupos para, a partir desse vídeo, criarem seu próprio vídeo do “*language variation challenge*”, o qual poderá vir a ser postado posteriormente nas redes sociais da escola, da turma ou dos próprios estudantes. Quanto à escolha do tópico (pronúncia, vocabulário, estruturas sintáticas etc.), este pode ser feito por sorteio.

Na quinta sugestão, recomenda-se convidar os aprendizes a apenas assistir ao vídeo da canção “*Ghostbusters*” (de Ray Parker Jr.). Depois dessa etapa, distribui-se cópias impressas da letra da canção e solicita-se que a ouçam novamente a fim de circular (ou sublinhar) as formas em redução fonológica que se encontram no texto.

Figura 5. Vídeo da canção “*Ghostbusters*”.

⁹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TQiHemDIOOk>.

ANAIS

Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras

www.sielli.ueg.br

POSLLI
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS CURA CORÁLIA



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021



Fonte: YouTube¹⁰.

Durante a checagem das respostas dos aprendizes, pode-se aproveitar a ocasião para pedir ao grande grupo que diga quais seriam suas formas longas correspondentes e forneça mais exemplos de sentenças contendo as formas alvo de maneira a engajá-los na construção do seu próprio conhecimento.

Por fim, é interessante destacar que, para a aprendizagem dos elementos linguísticos e suas variantes se transformar em uma ação prazerosa, motivadora e envolvente, deve-se encorajar os aprendizes a dar suas contribuições durante as explicações teóricas e o desenvolvimento das atividades didáticas a fim de promover a interação sociocultural entre todos os envolvidos (professor e alunos).

Considerações Finais

Com essas orientações, espera-se contribuir para que o professor de inglês se sinta mais empoderado não apenas para preparar sua aula referente à variação linguística, mas também elaborar seu próprio material didático com vistas a orientar seu aprendiz para saber como transitar nas diversas situações de uso do idioma alvo.

¹⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fe93CLbHjxQ>.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

Referências

ALAMEEN, Ghinwa; LEVIS, John M. Connected speech. In: REED, Marnie; LEVIS, John M. (eds.). **The handbook of english pronunciation**. New Jersey/West Sussex: John Wiley & Sons, 2019, p. 159-174.

BECKNER, Clay; ELLIS, Nick C.; BLYTHE, Richard; HOLLAND, John; BYBEE, Joan; KE, Jynyun; CHRISTIANSEN, Morten H.; LARSEN-FREEMAN, Diane; CROFT, William; SCHOENEMANN, Tom. Language is a Complex Adaptive System - Position Paper. **Language Learning**, v. 59, supl. 1, p. 1-26, 2009.

CANAGARAJAH, Suresh. **Reclaiming the local in language policy and practice**. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2005.

CRYSTAL, David. **A little book of language**. Sydney: University of New South Wales Press Ltd, 2010.

CRYSTAL, David. From out in the left field? that's not cricket: finding a focus for language curriculum. In: WHEELER, Rebecca. S. (ed.). **The workings of language: from prescriptions to perspectives**. Westport: Praeger, 1999, p. 91-105.

CRYSTAL, David. Global understanding for global english. **Moscow State University Bulletin**, v. 19, n. 4, p. 13-28, 2001.

CRYSTAL, David. **Which "english" should we teach**. [S.l.s.n.], 24 dez. 2009. 1 vídeo (2 min 58 s). Publicado pelo canal Macmillan Education ELT. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OXT04EO5RSU>. Acesso em: 1 set. 2020.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

JENKINS, Jennifer. **Global englishes: a resource book for students**. 3. ed. Oxon/New York: Routledge, 2015.

JENKINS, Jennifer. **The phonology of english as an international language**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.



08 A 12 DE NOVEMBRO DE 2021

LARSEN-FREEMAN, Diane; CAMERON, Lynne. **Complex systems and applied linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LARSEN-FREEMAN, Diane; CAMERON, Lynne. Complex systems and applied linguistics. **International Journal of Applied Linguistics**, v. 17, n. 2, p. 226-239, 2007.

LOW, Ee-Ling. **Pronunciation for english as an international language**: from research to practice. London/New York: Routledge, 2015.

RAJAGOPALAN. Kanavillil. Exposing young children to english as a foreign language: the emerging role of world english. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 48, n. 2, p. 185-196, 2009.

RAJAGOPALAN. Kanavillil. O professor de línguas e a suma importância do seu entrosamento na política linguística do seu país. *In*: CORREA, Djane Antonucci (org.). **Política linguística e ensino de língua**. Campinas: Pontes Editores, 2014, p. 73-82.

RAJAGOPALAN. Kanavillil. Prefácio. *In*: ANJOS, Flávio Almeida dos. **Desestrangeirizar a língua inglesa**: um esboço da política linguística. Cruz das Almas: UFRB, 2019.

THOMAS, Erik R. Phonological and phonetic characteristics of african american vernacular english. **Language and Linguistics Compass**, v. 1, n. 5, p. 450-475, 2007.

YULE, George. **The study of language**. 7 ed. New York: Cambridge University Press, 2020.